

## **NÃO ESCOLARIZEM A EXPRESSÃO DRAMÁTICA! – UMA REFLEXÃO SOBRE A VIVÊNCIA DESTA FORMA DE EXPRESSÃO ENQUANTO ACTIVIDADE AUTÊNTICA**

ANA FRANÇA E PAULO BRAZÃO  
UNIVERSIDADE DA MADEIRA

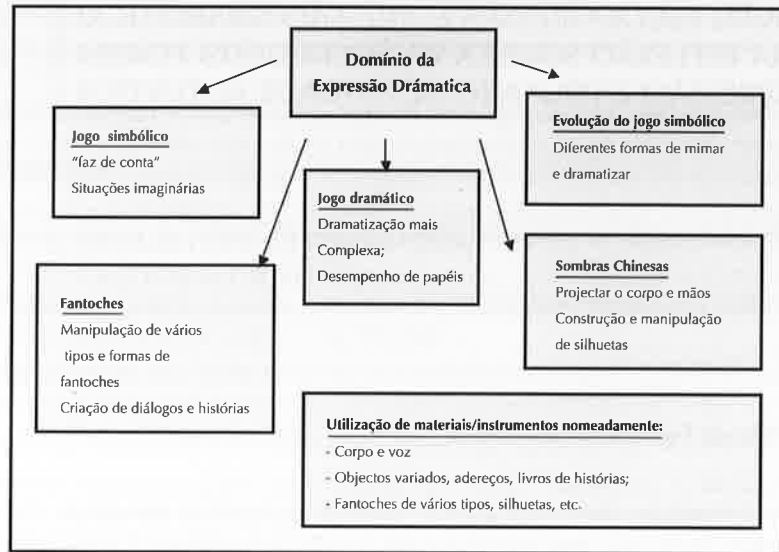
### **O Domínio da Expressão Dramática**

A palavra expressão deriva do latim *expression* e significa extrair o suco, brotar, fazer sair, está estreitamente ligada à manifestação de emoções, (Sousa, 2003a).

As expressões ocupam um lugar de primazia nas Orientações Curriculares para a educação pré-escolar. Na Expressão Dramática podemos ler a seguinte definição:

A expressão dramática é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com o(s) outros(s) que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais. Na interacção com outra ou outras crianças, em actividades de jogo simbólico, os diferentes parceiros tomam consciência das suas reacções, do seu poder sobre a realidade, criando situações de comunicação verbal e não verbal, (ME, 1997, p. 59)

Podemos constatar que o domínio da expressão dramática apresenta, segundo estas orientações, pontos-chave para a abordagem com as crianças tendo em conta as suas características e vivências. Apresentamos em síntese um esquema elucidativo deste aspecto:



**Figura 1** - O domínio da expressão dramática integrado na área de expressão e comunicação. Adaptação do texto, (ME, 1997).

### A expressão dramática como actividade autêntica

Define-se a actividade autêntica como a prática habitual das pessoas comuns no interior de uma cultura, decorrendo de situações reais, (J. Lave, 1988).

A actividade lúdica é uma acção real, própria e natural da criança. Por ser uma acção que nasce no real é autêntica, porque parte da percepção da realidade e desenvolve-se pelas condicionantes dos contextos conhecidos da criança.

A expressão dramática enquanto actividade lúdica, permite à criança, expressar livremente os seus sentimentos, dar vazão à imaginação, desenvolver o raciocínio, desempenhar os mais diversos papéis sociais, usando o corpo nas diferentes qualidades de movimento, (Sousa, 2003b).

Ela apresenta-se como um método educacional voltado para o desenvolvimento equilibrado da personalidade da criança. O jogo dramático destina-se então a proporcionar uma educação total, ao invés de servir de técnica de reforço de ensino-aprendizagem, para as diferentes matérias do currículo, (Sousa, 2003b).

### Como se desenvolve desta forma a expressão dramática?

A expressão dramática apresenta-se então como uma actividade lúdica, própria e natural da criança; Surge espontaneamente; Permite expressar sentimentos, dar ampla vazão à imaginação criativa; Desenvolve o raciocínio prático, desempenhar no faz-de-conta diversos papéis sociais, usar o corpo nas mais diferentes qualidades de movimento.

Como espaço integrador de conhecimento deve libertar-se dos constrangimentos curriculares.

Entendemos a expressão dramática sempre pela abordagem holística do conhecimento, pela construção de identidades, pela consciencialização dos percursos de desenvolvimento dos indivíduos, pela aprendizagem pela prática em grupo.

Podemos reforçar a ideia da expressão dramática enquanto actividade autêntica, por:

- Decorrer de situações da vida real
- Transparecer o mundo das vivências e a cultura das crianças
- Possibilitar a construção de conhecimento, através dos mecanismos de mediação cultural, entre os quais encontramos: artefactos culturais (ferramentas e outros objectos de mediação); a linguagem - os signos; os conceitos sobre o próprio corpo, espaço, objectos, as relações do corpo com o outro.

### Um problema emergente:

A escola actual, por vezes utiliza a expressão dramática como disciplina de recreação (reanimação) e apresenta os conteúdos curriculares estanques e desarticulados dos contextos reais.

Isto sucede porque a Escola tende a separar actividade do contexto no qual a aprendizagem decorre, criando um conflito entre actividade autêntica e actividade escolar, fazendo passar a ideia de que o conhecimento é auto-suficiente das situações onde é aprendido.

A actividade escolar resulta na prática descontextualizada do real, embora inserida no contexto escolar, verificando-se um desfasamento entre o contexto social e o contexto social escolar, (Fino, 2006).

O conflito resulta da distância entre o contexto social, dado pela acção dos aprendizes em situações reais e o contexto social escolar resultado da actividade escolar descontextualizada daquele real (ainda que inserida no contexto escolar).

A actividade e o contexto onde ocorre a aprendizagem são encarados úteis do ponto de vista pedagógico mas neutro relativamente ao que se aprende.

Quando ocorre uma transferência da actividade autêntica para a sala de aula, alteram-se os contextos e aquela actividade passa a ser parte da cultura escolar. Os alunos desenvolvem então uma actividade sucedânea.

As aprendizagens e o uso delas permanecem fechados no sistema escolar, contrariamente ao que seria de supor relativamente ao objectivo da escolarização. Por essa razão se verifica uma diferença entre o êxito escolar e êxito real.

A escola falha ao reproduzir situações da vida quotidiana e por isso também falha o objectivo de preparar para a vida, fora do mundo escolar.

Mas para Lave, a aprendizagem é um fenómeno inerente à prática e como tal inseparável desta. Assim, problemas formalmente semelhantes são de facto diferentes em função das actividades e dos contextos onde são desenvolvidos. Essas especificidades situacionais incluem as relações entre as pessoas, actividades, contextos e estão implicadas no fracasso ou sucesso das actuações dos indivíduos, (J. Lave, 1988).

A construção do conhecimento é um fenómeno situado, sendo função da actividade, do contexto e da cultura no interior da qual ocorre.

### As implicações da disciplinarização da expressão dramática

A ênfase da especialização disciplinar tem reflexos no trabalho descontextualizado em detrimento de uma perspectiva holística da aprendizagem, e em específico, na expressão dramática.

Em alguns casos, esta lógica dita a pluridocência na Educação Pré-Escolar e reforça as estruturas estereotipadas da cultura escolar, como a definição de objectivos, estratégias, programas, e mecanismos formais de avaliação.



Figura 2 - Abordagem da Expressão Dramática na sala de aula, (Tonucci, 1988, p. 87)

Nesta perspectiva e comentando a figura anterior, pensamos que a expressão dramática não pode ser:

- Uma acção limitada da prática da expressão, com imposição, sem liberdade de expressão, sem implicação, sem participação activa;
- Uma acção descontextualizada do real, sem a produção de artefactos com sentido intrínseco;
- Uma acção, em última análise, que não tenha em conta o sistema de referência cultural das crianças.

## A expressão dramática e o papel do educador

É de grande importância reflectir a intervenção do educador enquanto elemento facilitador da aprendizagem e criador de oportunidades, de experimentação por parte das crianças no âmbito Expressão Dramática.

Segundo Câmara, (1998) as crianças que frequentam a educação pré-escolar estão numa fase caracterizada por rápidas transformações a nível de crescimento, desenvolvimento e múltiplas aprendizagens. É neste período que a criança vai reconstruir, com maior profundidade e clareza, a percepção de si e do outro. Daí que o educador tenha um papel marcante enquanto referência organizadora de diferentes interacções, devendo por isso estar atento aos aspectos relacionados com o desenvolvimento e aprendizagem da criança, (Câmara, 1998).

A intervenção do educador deve promover a emergência de situações de expressão e comunicação que integram, por exemplo, diferentes formas de fazer mímica e de dramatizar vivências, histórias, e ainda possibilitar o desenvolvimento da imaginação e construção de diálogos e histórias apelando às potencialidades, vivências e experiências das crianças.

Como tal, os educadores devem reconhecer e valorizar as vivências das crianças – elementos culturais de referência - como uma importante fonte de conhecimento para trabalharem a partir daquilo que eles realmente são e têm. Assim, desenvolvem uma pedagogia que vincula o conhecimento da escola com as diferentes relações de sujeito e ajudam a constituir as vidas quotidianas dos alunos, (Giroux, 1999).

Uma pedagogia crítica onde as relações pedagógicas sejam vistas como relações estruturadas de poder, sempre contestadas e negociadas com as crianças.

A expressão dramática deve então assumir as vivências das aprendizagens emergentes e reflectir assim a cultura dos seus participantes.

Nesta linha de pensamento podemos considerá-la uma área potencial para o desenvolvimento de actividade autêntica. Fazemos o alerta para que não a escolarizem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Câmara, M. (1998). A identidade e a diferença: marcas impressas pelo educador em cada criança. Porto: Porto Editora.

Fino, C. N. (2006). Inovação e invariante (cultural). Paper presented at the VII Colóquio sobre Questões Curriculares, Braga.

Giroux, H. (1999). Cruzando as fronteiras do discurso educacional. Porto alegre: Artmed.

Lave, J. (1988). Cognition in practice. Cambridge: Cambridge University Press.

ME (1997). Orientações curriculares para a educação pré-escolar Available from [http://www.oei.es/inicial/curriculum/orientacoes\\_portugal.pdf](http://www.oei.es/inicial/curriculum/orientacoes_portugal.pdf)

Sousa, A. (2003a). Educação pela arte e artes na educação - bases psicopedagógicas (Vol. 1). Lisboa: Instituto Piaget.

Sousa, A. (2003b). Educação pela arte e artes na educação - drama e dança (Vol. 2). Lisboa: Instituto Piaget.

Tonucci, F. (1988). Com olhos de criança. Lisboa: Instituto Piaget.